

BULLYING ESCOLAR EM ESCOLAS DE ENSINO BÁSICO E DE ENSINO SECUNDÁRIO DO ALENTEJO (PORTUGAL)

SCHOOL BULLYING IN BASIC AND SECONDARY SCHOOLS IN THE ALENTEJO (PORTUGAL)

António Ricardo Mira

arm@uevora.pt

Universidade de Évora

José L. C. Verdasca

jcv@uevora.pt

Universidade de Évora

Benito León del Barco

bleon@unex.es

Universidade de Extremadura

Elena Felipe Castaño

efelipe@unex.es

Universidade de Extremadura

Teresa Gómez Carroza

tgomez@unex.es

Universidade de Extremadura

Resumo: Com este trabalho pretendemos dar continuidade a um estudo epidemiológico sobre o bullying escolar em escolas do ensino básico e do ensino secundário no Alentejo e comparar os resultados com os encontrados pela pesquisa realizada em Escolas Secundárias na Extremadura, Espanha. Recorreu-se à metodologia de inquérito, com aplicação do Questionário do Defensor del Pueblo - UNICEF. O número de participantes foi determinado a partir do número de alunos matriculados em 2009-2010, considerando um erro de amostragem de 3% e um nível de confiança de 95%. Finalmente, o número de participantes foi de 750 alunos de sete escolas públicas e duas privadas dos distritos de Beja, Évora e Portalegre. Todas as formas de abuso ocorrem em todas as escolas estudadas. No entanto, há uma relação inversa entre a gravidade do abuso e a frequência do mesmo. Os rapazes são mais frequentemente envolvidos no fenómeno bullying, tanto como perpetradores como vítimas, com exceção para a calúnia que emerge mais associada às raparigas. Relativamente ao nível de ensino, os estudantes do ensino secundário declaram-se mais agressores em condutas de exclusão social e em comportamentos de ameaça e chantagem. Como vítimas, os estudantes de ensino básico declaram-se mais agredidos. Notam-se também diferenças entre os alunos do Alentejo e da Extremadura, declarando-se estes mais agressores do que vítimas nas distintas situações de *bullying* escolar, à exceção dos comportamentos de agressão física indireta. A abordagem socio-afetiva contribui para a aquisição de competências sociais e a aprendizagem cooperativa em equipas heterogéneas para o desenvolvimento de atitudes positivas nas relações intergrupais constituem propostas metodológicas a introduzir no contexto escolar face às atuais mudanças sociais e educacionais, melhorando a vida escolar e prevenindo a violência.

Palavras Chave: *Bullying* escolar, alunos, agressor, vítima, ensino básico e ensino secundário.

Abstract: With this paper we intend to continue an epidemiological study on school *bullying* in elementary and secondary schools in Alentejo and compare the results with those found by the survey carried out in Secondary Schools in Extremadura, Spain. We used the survey methodology, with the application of the Questionnaire of the Ombudsman - UNICEF. The

number of participants was determined from the number of students enrolled in 2009-2010, considering a sampling error of 3% and a confidence level of 95%. Finally, the number of participants was 750 students from seven public and two private schools in the districts of Beja, Évora and Portalegre. All forms of abuse occur in all schools studied. However, there is an inverse relationship between the severity of the abuse and the frequency of abuse. Boys are more often involved in the bullying phenomenon, both as perpetrators and victims, except for the slander that emerges most associated with girls. As regards the level of education, the students of the secondary education declare more aggressors in conducts of social exclusion and in behaviors of threat and blackmail. As victims, elementary school students say they are more assaulted. There are also differences between Alentejo and Extremadura students, who are more aggressors than victims in different situations of school bullying, with the exception of the behaviors of indirect physical aggression. The socio-affective approach contributes to the acquisition of social competences and cooperative learning in heterogeneous teams for the development of positive attitudes in intergroup relations are methodological proposals to be introduced in the school context in face of the current social and educational changes, improving school life and preventing the violence.

Key words: School bullying, students, bully, victim, students, basic and secondary education.

Introdução

As conclusões gerais de muitos dos estudos realizados sobre *bullying* escolar - conhecido como vitimização por assédio moral - têm mostrado que o *bullying* entre iguais é um fenómeno que tende a acontecer com diferentes intensidades em todos os países e que provoca nas vítimas efeitos claramente negativos: queda da autoestima, estados de ansiedade, por vezes quadros depressivos, dificultadores da inserção das vítimas no ambiente escolar e desenvolvimento normal da aprendizagem. Em geral, o efeito mais notável do assédio moral entre iguais é o desenvolvimento de distúrbios emocionais, como *stress*, ansiedade e depressão, além de problemas de integração no grupo de pares devido ao isolamento e exclusão social (Olweus, 1993; Kochenderfer-Ladd & Wardrop, 2001; Van der Meulen, Soriano, granizo, Del Barrio, Schäfer & Korn, 2003; Estevez Martinez & Musitu, 2006).

A preocupação social que suscita a violência nos contextos sociais tem levado a inúmeras intervenções e ações em diferentes países e em muito diferentes âmbitos (Martin Fernandez, Andres Del Barrio & Echeita, 2003). A maioria das investigações centram-se no ambiente escolar e pretendem dois objetivos: em primeiro lugar, a investigação epidemiológica da gravidade do problema em cada contexto ou ambiente cultural (país), por meio de questionários ou outros métodos de recolha de informação; em segundo lugar, um trabalho de intervenção direcionada a todos os elementos implicados,

individuais (agressor e vítima) familiares, escolares (organização e políticas educacionais) e sociais (quadro legal e políticas sociais), tanto para parar o processo como para a sua prevenção.

Com este trabalho, pretendemos dar continuidade a um estudo epidemiológico sobre o *bullying* escolar (Leon et. al, 2010; Gómez Carroza, et al., 2011; Leon et. al, 2013) que permita conhecer a situação em escolas básicas e secundárias do Alentejo e estabelecer algumas comparações com os resultados apurados através dos mesmos instrumentos junto de alunos do mesmo nível etário em escolas da Extremadura Espanhola, tendo como principais objetivos: i) identificar os perfis de comportamentos prevalentes, na perspetiva de alunos-vítima e alunos-agressores em escolas do Alentejo; ii) determinar o papel do género, da idade e nível de escolaridade na incidência e forma de *bullying*; iii) comparar os resultados das diferentes formas de abuso entre escolas do Alentejo e escolas da Extremadura.

Método

Participantes

A seleção dos alunos foi feita por meio de uma amostragem polietápica estratificada por conglomerados e seleção aleatória, em escolas da área territorial do Alentejo que dispunham de turmas de 7º, 8º, 9º, 10º e 11º anos e cujas idades dos alunos ficassem compreendidas entre os 12 e os 16 anos. Os estratos que se consideraram foram os distritos de Portalegre, Évora e Beja. A amostragem por conglomerado consistiu em selecionar, aleatoriamente, pelo menos uma escola por distrito com ensino básico e secundário.

O número de participantes determinou-se a partir do número de alunos matriculados no ano letivo de 2009-2010, considerando um erro de amostragem de 3% e um nível de confiança de 95%. O número de alunos participantes foi de 750, pertencentes a sete escolas públicas e duas escolas privadas distribuídas por oito municípios nos distritos de Beja, Évora e Portalegre.

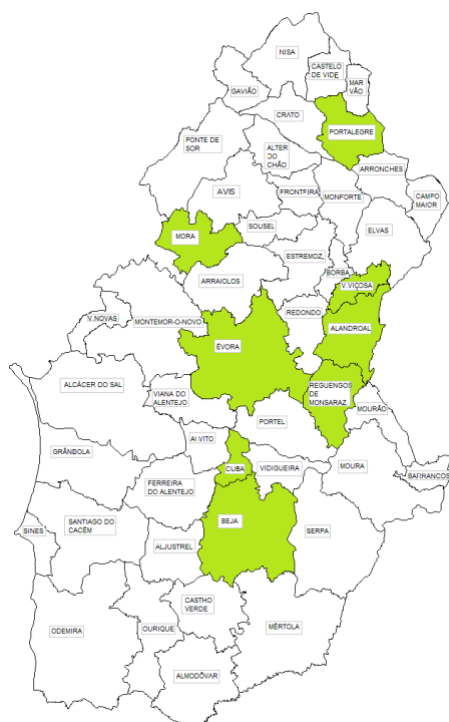


Figura 1. Localização territorial dos municípios e respetivas escolas

A distribuição por género, idade e nível de ensino dos alunos participantes no estudo consta da tabela seguinte.

Tabela 1. Distribuição dos participantes por género, idade e nível de ensino

Género	Idade	Básico		Secundário		Total	
		N	%	N	%	N	%
Feminino	12	73	100,0	0	0,0	73	100,0
	13	128	100,0	0	0,0	128	100,0
	14	86	98,9	1	1,1	87	100,0
	15	33	55,9	26	44,1	59	100,0
	16	9	17,3	43	82,7	52	100,0
Subtotal		329	82,5	70	17,5	399	100,0
Masculino	12	46	100,0	0	0,0	46	100,0
	13	92	100,0	0	0,0	92	100,0
	14	96	100,0	0	0,0	96	100,0
	15	33	60,0	22	40,0	55	100,0
	16	12	19,4	50	80,6	62	100,0
Subtotal		279	79,5	72	20,5	351	100,0
Total	12	119	100,0	0	0,0	119	100,0
	13	220	100,0	0	0,0	220	100,0
	14	182	99,5	1	0,5	183	100,0
	15	66	57,9	48	42,1	114	100,0
	16	21	18,4	93	81,6	114	100,0
Total		608	81,1	142	18,9	750	100,0

Instrumentos

No que respeita ao instrumento de recolha de dados, utilizou-se o Questionário do Defensor del Pueblo - UNICEF (2006). É um questionário autoadministrado que examina a incidência do assédio moral escolar a partir de três perspetivas: observador, agressor e vítima. As perguntas incluem treze comportamentos de *bullying* que são classificadas em seis formas de abuso. A ocorrência do abuso é avaliada numa escala ordinal de frequência com quatro categorias: nunca, às vezes, frequentemente e sempre. Além disso, regista algumas características dos agressores como ano de escolaridade, género e os locais onde ocorrem os tipos de assédio.

Tabela 2. Tipologia dos comportamentos de *bullying* nas perspetivas de vítima e de agressor

Comportamentos de <i>bullying</i>		
	Vítima	Agressor
Exclusão social	Ignoram-me	Ignoro
	Não me deixam participar	Não deixo participar
Agressão verbal	Insultam-me	Insulto
	Põem-me alcunhas ofensivas	Ponho alcunhas ofensivas
	Falam mal de mim	Falo mal dos outros
Agressão física indireta	Escondem-me coisas	Escondo coisas
	Estragam-me coisas	Estrago coisas
	Roubam-me coisas	Roubo coisas
Agressão física direta	Batem-me	Bato
Ameaças e chantagens	Metem-me medo	Meto medo
	Obrigam-me com ameaças	Obrigo com ameaças
	Ameaçam-me com armas	Ameaço com armas
Assédio sexual	Assediam-me sexualmente	Assedio sexualmente

Resultados

Na apresentação dos resultados socorremo-nos das diferentes perspetivas (vítima e agressor), tendo por base a análise das respostas dos alunos aos diversos tipos de comportamento. Para uma maior especificação, as apresentam-se desagregadas por género, idade, nível de ensino e local onde tendem a ocorrer mais frequentemente os comportamentos de *bullying*. Por último, procederemos a algumas comparações entre as respostas dos alunos das escolas do Alentejo e da Extremadura.

Vítimas

Como é mostrado na Tabela 3, o gênero dos participantes está relacionado com a incidência como vítima, em alguns dos tipos de abuso. Há mais rapazes do que raparigas que se reconhecem como vítimas de comportamentos de agressão verbal, como receber insultos. No caso de "falar mal de mim", o oposto é verdadeiro, sendo significativamente maior a percentagem de raparigas do que a de rapazes. Por outro lado, os rapazes reconhecem que lhes batem mais e recebem mais agressões de ameaçadas com armas. Por último, as raparigas declaram-se mais vítimas de assédio sexual.

Tabela 3. Distribuição percentual de vítimas nas distintas situações de assédio escolar, segundo o gênero e resultados da prova Chi-quadrado.

Tipos de maus tratos		Rapariga n=399	Rapaz n=356	Prova Chi- Quadrado
Exclusão social	Ignoram-me	28,8	27,2	$\chi^2= 0,232$; $p<0,630$
	Não me deixam participar	18,4	23,5	$\chi^2= 2,949$; $p<0,086$
Agressão verbal	Insultam-me	28,4	35,6	$\chi^2= 4,351$; $p<0,037$
	Põem-me alcunhas ofensivas	25,3	28,3	$\chi^2= 0,872$; $p<0,350$
	Falam mal de mim	57,5	43,4	$\chi^2= 14,569$; $p<0,000$
Agressão física indireta	Escondem-me coisas	36,6	34,4	$\chi^2= 0,395$; $p<0,530$
	Estragam-me coisas	8,4	9,4	$\chi^2= 0,222$ $p<0,637$
	Roubam-me coisas	8,7	10,9	$\chi^2= 1,014$; $p<0,314$
Agressão física direta	Batem-me	5,1	12,1	$\chi^2= 11,607$; $p<0,001$
	Metem-me medo	8,7	12,8	$\chi^2= 3,305$; $p<0,069$
Ameaças e chantagens	Obrigam-me com ameaças	1,3	2,7	$\chi^2= 1,886$; $p<0,170$
	Ameaçam-me com armas	1,5	4,7	$\chi^2= 6,408$; $p<0,011$
Assédio sexual	Assediam-me sexualmente	4,6	3,3	$\chi^2= 0,836$; $p<0,360$

Em relação à variável idade, pode-se observar na Tabela 4 que não existem diferenças significativas nos diferentes tipos de abuso. No entanto, os alunos mais jovens recebem mais insultos e apelidos do que os seus colegas mais velhos, batem-lhes e ameaçam-nos. Os alunos mais velhos reconhecem que se fala mal deles e os roubam num número maior de vezes do que aos mais pequenos.

Tabela 4. Distribuição percentual de vítimas nas distintas situações de assédio escolar, segundo a idade e resultados da prova Chi-quadrado.

Tipos de maus tratos	12	13	14	15	16	Prova Chi-quadrado
	anos n=121	anos n=220	anos n=183	anos n=115	anos n=116	

Ignoram-me	31,9	26,1	25,7	30,4	34,0	$\chi^2= 2,254$; p<0,689
No me deixam participar	26,9	21,2	20,6	16,1	17,5	$\chi^2= 4,981$; p<0,289
Insultam-me	33,1	34,4	32,8	25,9	28,1	$\chi^2=3,366$; p<0,499
Põem-me alcunhas ofensivas	31,9	27,4	26,7	19,8	28,1	$\chi^2= 4,469$; p<0,346
Falam mal de mim	45,4	49,5	48,9	56,3	57,9	$\chi^2= 5,414$; p<0,247
Escondem-me coisas	35,3	35,8	33,7	33,0	41,2	$\chi^2= 2,190$; p<0,701
Estragam-me coisas	7,6	9,0	9,9	6,3	10,5	$\chi^2= 1,809$; p<0,771
Roubam-me coisas	7,6	7,6	13,3	12,5	7,9	$\chi^2= 5,705$; p<0,222
Batem-me	7,6	8,0	11,0	7,1	6,1	$\chi^2= 2,810$; p<0,590
Metem-me medo	14,4	11,8	10,1	7,1	8,9	$\chi^2= 3,930$; p<0,076
Obrigam-me com ameaças	2,5	0,9	3,9	0,0	1,8	$\chi^2=7,254$; p<0,123
Ameaçam-me com armas	5,0	2,9	2,8	2,7	2,7	$\chi^2= 1,718$; p<0,788
Assediam-me sexualmente	2,5	2,4	5,6	2,7	7,1	$\chi^2= 6,621$; p<0,157

Em relação à variável nível de educação observa-se, na Tabela 5, uma diferença significativa no comportamento "não me deixam participar" e "falam mal de mim" e "me ameaçam para me meterem medo", em que os alunos do Ensino Básico são os mais atingidos.

Tabela 5. Distribuição percentual de vítimas nas distintas situações de assédio escolar, segundo o nível de ensino e resultados da prova Chi-quadrado.

Tipos de maus tratos		Básico n=610	Secundário n=145	Prova Chi- quadrado
Exclusão social	Ignoram-me	27,3	31,7	$\chi^2= 1,132$; p<0,287
	No me deixam participar	22,1	14,5	$\chi^2= 4,159$; p<0,041
Agressão verbal	Insultam-me	32,3	28,3	$\chi^2= 0,881$; p<0,348
	Põem-me alcunhas ofensivas	28,2	21,5	$\chi^2= 2,630$; p<0,105
	Falam mal de mim	49,0	59,3	$\chi^2= 4,968$; p<0,026
Agressão física indireta	Escondem-me coisas	35,4	36,6	$\chi^2= 0,066$; p<0,797
	Estragam-me coisas	8,9	8,3	$\chi^2= 0,053$; p<0,819
	Roubam-me coisas	9,8	9,7	$\chi^2= 0,003$; p<0,959
Agressão física direta	Batem-me	8,6	6,9	$\chi^2= 0,446$; p<0,504
Ameaças e chantagens	Metem-me medo	11,7	6,3	$\chi^2= 3,552$; p<0,050
	Obrigam-me com ameaças	2,2	0,7	$\chi^2= 1,404$; p<0,236
	Ameaçam-me com armas	3,6	1,4	$\chi^2= 1,796$; p<0,180
Assédio sexual	Assediam-me sexualmente	3,6	5,6	$\chi^2=1,215$; p<0,270

Na Figura 2 mostramos as percentagens de alunos que alegam ser vítimas das várias situações de *bullying* e comparamo-las com as percentagens obtidas no estudo de León, Felipe, Gómez e López (2010), realizado com alunos de 12 a 16 anos, no mesmo período temporal e aos quais foi aplicado o mesmo instrumento de recolha de dados - Questionário Defensor del Pueblo-UNICEF (2006). Podemos observar incidências relativamente mais elevadas nas escolas do Alentejo quer na globalidade quer em cada uma das categorias dos tipos de abuso, com diferenças em termos de declaração de ocorrência particularmente acentuadas nos comportamentos de assédio moral em contexto escolar, designadamente de assédio sexual (4,0 vs. 1,7), ameaças e chantagens (5,2 vs. 2,9) e exclusão social (24,4 vs. 15,0).

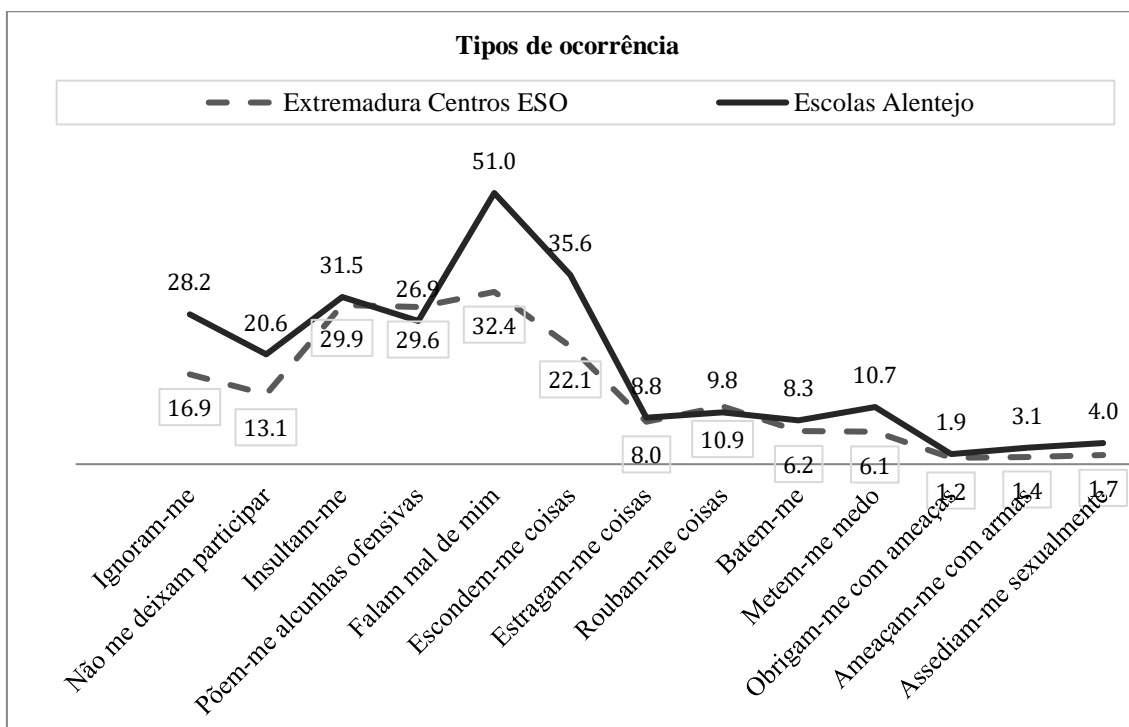


Figura 2. Distribuição percentual de alunos que alegam ser vítimas nas distintas situações de assédio escolar (Ocorrência total) em Centros ESO de Extremadura e em Escolas do Alentejo

De sublinhar ainda, que na perspetiva de vítima, existe uma tendência comum em ambos os estudos: os comportamentos de agressão verbal (o insulto, a troça e o pôr nomes) afiguram-se como os comportamentos mais frequentes seguidos das condutas de exclusão social. Na Figura 3, podemos ver a representação gráfica das médias percentuais

dos seis tipos de maus tratos em que foram agregados as treze categorias e o respetivo alinhamento das incidências nas diversas categorias nos dois estudos.

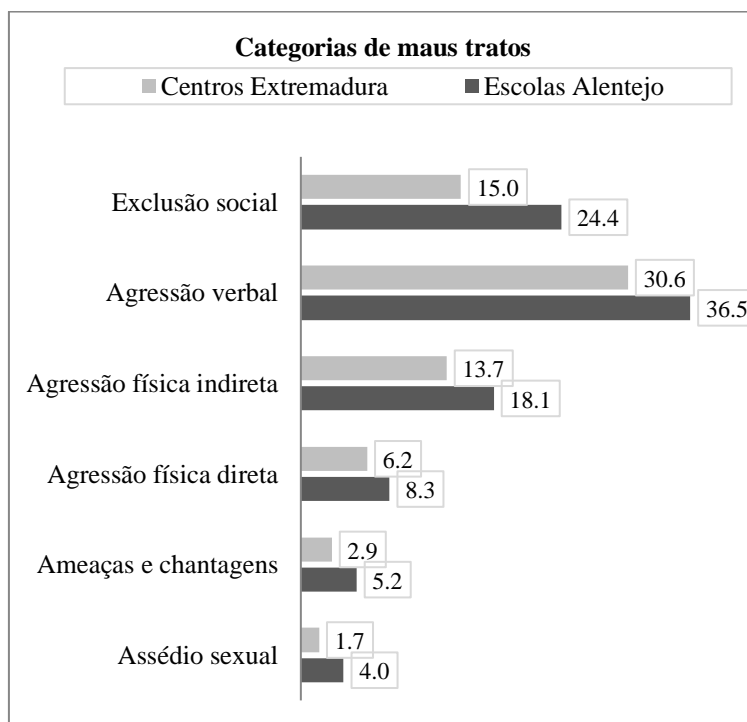


Figura 3. Distribuição percentual das categorias de maus tratos na perspectiva das vítimas

Agressores/as

Vejamos agora para as diferentes categorias de comportamentos as respostas dadas pelos estudantes enquanto agressores/as e as respetivas distribuições por género, idade e nível de ensino.

Em relação à influência do género sobre a incidência de agressores/as nas várias formas de abuso, na Tabela 6, podemos ver que os rapazes atacantes se afirmam mais atacantes que as raparigas na conduta de exclusão social "Não deixo participar" e em comportamentos de agressão verbal: "insulto" e "ponho apelidos ofensivos". Esta situação é inversa no comportamento "eu falo mal de alguém", em que as raparigas superam os rapazes. Também se observam diferenças, tendo em conta o género, a favor dos rapazes em comportamentos como "esconder as coisas", "bater", "forçar com ameaças" e "ameaçar com armas".

Tabela 6. Percentagens de agressores/as nas distintas situações de assédio escolar segundo o género e resultados da prova Chi-quadrado

Tipos de maus tratos		Rapariga n=399	Rapaz n=358	Prova Chi- quadrado
Exclusão Social	Ignoro	35,3	30,7	$\chi^2= 1,760$; $p<0,185$
	Não deixo participar	9,7	17,9	$\chi^2= 10,263$; $p<0,001$
Agressão verbal	Insulto	17,7	27,4	$\chi^2= 9,814$; $p<0,002$
	Ponho nomes ofensivos	19,7	26,9	$\chi^2= 5,186$; $p<0,023$
	Falo mal dos outros	39,8	29,2	$\chi^2= 9,050$; $p<0,003$
Agressão física indireta	Escondo coisas	15,4	22,6	$\chi^2= 6,205$; $p<0,013$
	Estrago coisas	3,3	4,5	$\chi^2= 0,634$; $p<0,426$
	Roubo coisas	1,8	3,6	$\chi^2= 2,256$; $p<0,133$
Agressão física direta	Bato	3,8	8,0	$\chi^2= 5,854$; $p<0,016$
Ameaças e chantagens	Meto medo	5,9	8,6	$\chi^2= 2,056$; $p<0,152$
	Obrigo com ameaças	1,3	3,9	$\chi^2= 5,021$; $p<0,025$
	Ameaço com armas	1,3	3,6	$\chi^2= 4,137$; $p<0,042$
Assédio sexual	Assedio sexualmente	2,6	3,0	$\chi^2= 0,118$; $p<0,731$

No que concerne à idade dos inquiridos, constata-se que nesta variável também se registam diferenças significativas no comportamento de exclusão social (“Ignoro” e “Ameaço com armas”), a favor dos alunos mais velhos.

Tabela 7. Percentagens de agressores/as nas distintas situações de assédio escolar segundo a idade e resultados da prova Chi-quadrado.

Tipos de maus tratos	12 anos n=121	13 anos n=220	14 anos n=183	15 anos n=115	16 anos n=116	Prova Chi-quadrado
Ignoro	28,4	27,0	34,7	42,9	38,6	$\chi^2= 11,17$; $p<0,025$
Não deixo participar	19,7	11,4	12,9	9,8	15,8	$\chi^2= 6,466$; $p<0,167$
Insulto	17,2	26,0	23,9	21,4	18,4	$\chi^2=4,622$; $p<0,328$
Ponho nomes ofensivos	19,0	20,4	27,5	22,5	26,3	$\chi^2= 4,637$; $p<0,327$
Falo mal dos outros	30,8	36,7	33,3	33,9	38,6	$\chi^2= 2,090$; $p<0,719$
Escondo coisas	14,5	16,1	22,0	20,5	21,1	$\chi^2=4,216$; $p<0,378$
Estrago coisas	3,4	3,8	6,2	0,9	3,5	$\chi^2= 5,385$; $p<0,250$
Roubo coisas	3,4	1,4	2,8	2,7	3,5	$\chi^2= 1,879$; $p<0,758$
Bato	6,8	6,2	5,6	3,6	6,1	$\chi^2= 1,342$; $p<0,894$
Meto medo	6,8	6,2	7,3	6,3	11,4	$\chi^2= 3,421$; $p<0,490$
Obrigo com ameaças	2,6	0,5	2,8	3,6	5,3	$\chi^2=7,420$; $p<0,115$

Ameaço com armas	0	0	3,9	4,5	6,1	$\chi^2= 17,24$; p<0,002
Assédio sexualmente	3,4	0,9	3,4	2,7	0,5	$\chi^2= 4,183$; p<0,382

Finalmente, o nível de escolaridade também se manifesta na prevalência dos agressores nas formas de exclusão social e ameaças e chantagens. Podemos ver na Tabela 8 que os estudantes do ensino secundário se declaram mais atacantes na conduta de exclusão social ("Ignoro") e nos comportamentos de obrigar com ameaças, de ameaçar através do medo e de ameaçar com armas.

Tabela 9. Distribuições percentuais de agressores/as nas distintas situações de assédio escolar segundo o nível de ensino e resultados da prova Chi-quadrado.

Tipos de maus tratos		Básico n=610	Secundário n=145	Prova Chi- quadrado
Exclusão Social	Ignoro	31,3	41,4	$\chi^2= 5,273$; p<0,022
	Não deixo participar	14,0	11,7	$\chi^2= 0,501$; p<0,479
Agressão verbal	Insulto	22,5	20,7	$\chi^2= 0,232$; p<0,630
	Ponho nomes ofensivos	22,4	26,2	$\chi^2= 0,950$; p<0,330
	Falo mal dos outros	33,3	40,7	$\chi^2= 2,772$; p<0,096
Agressão física indireta	Escondo coisas	18,6	19,3	$\chi^2= 0,038$; p<0,845
	Parto coisas	4,1	2,8	$\chi^2= 0,559$; p<0,455
	Roubo coisas	2,4	3,4	$\chi^2= 0,510$; p<0,475
Agressão física direta	Bato	6,0	4,8	$\chi^2= 0,277$; p<0,559
Ameaças e chantagens	Meto medo	6,5	11,0	$\chi^2= 3,540$; p<0,050
	Obrigo com ameaças	2,0	4,8	$\chi^2= 3,563$; p<0,049
	Ameaço com armas	1,9	5,6	$\chi^2= 6,191$; p<0,013
Assédio sexual	Assédio sexualmente	2,2	4,8	$\chi^2=2,987$; p<0,084

Vejamos agora como se distribuem as percentagens de alunos de escolas do Alentejo e da Extremadura que declaram ter tido ocorrências de assédio escolar como agressores/as. Os resultados das respostas constam da Figura 4 e permitem concluir que os estudantes extremenhos registam percentagens mais elevadas do que os do Alentejo em quase todos os comportamentos de *bullying*, registando-se diferenciais relativamente acentuados em especial nas categorias 'agressão física direta' (9,6 vs. 5,7 - o que traduz uma incidência 1,7 vezes superior neste comportamento dos alunos da Extremadura face aos do Alentejo), 'agressão verbal' (36,3 vs. 26,7 - ou seja por cada agressão verbal declarada por parte dos alunos de escolas do Alentejo, são declarados 1,4

comportamentos de agressão verbal por parte dos alunos extremenhos) e 'assédio sexual' (3,3 vs. 2,7).

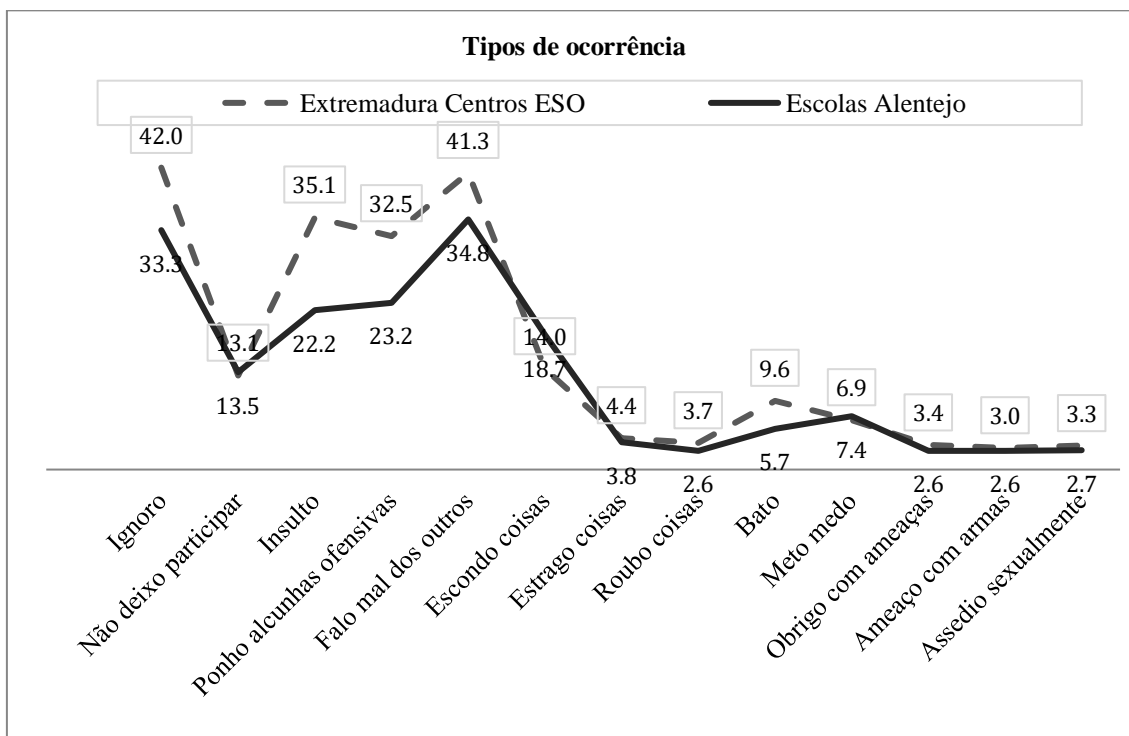


Figura 4. Distribuição percentual de alunos que se declaram agressores/as nas distintas situações de assédio escolar (ocorrência total) em Centros ESO de Extremadura e em Escolas do Alentejo

À semelhança do ocorrido na perspectiva da vítima, também na perspectiva do agressor/a as incidências por categoria de comportamento se distribuem de forma semelhante e seguem a mesma hierarquia nos dois territórios, a agressão verbal afigura-se como o tipo de comportamento mais frequente seguindo-se as condutas de exclusão social e registando apenas uma pequena inflexão nos comportamentos de agressão física.

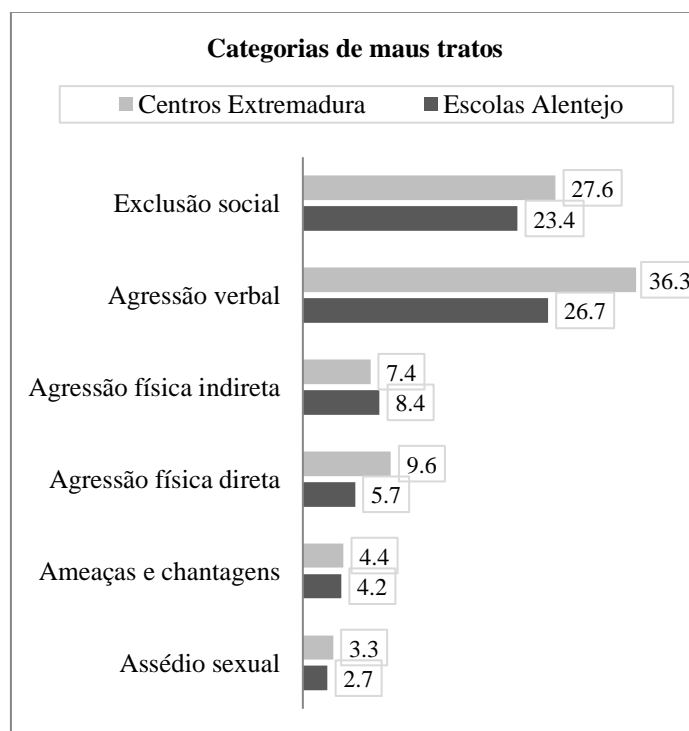


Figura 5. Distribuição percentual das categorias de maus tratos na perspetiva dos agressores/as

Observadores/as

Na Tabela 10 apresentamos as distribuições percentuais de alunos que declararam ter sido testemunhas de ocorrências de situações de *bullying* e comparamo-las com as distribuições percentuais de Centros Escolares da Extremadura. Os resultados revelam valores percentuais ligeiramente mais elevados nos Centros da Extremadura.

Tabela 10. Distribuições percentuais de ocorrências sinalizadas por observadores/as nas distintas situações de assédio escolar (ocorrência total)

Tipos de maus tratos		Extremadura Centros ESO	Escolas Alentejo
Exclusão Social	Ignoram-me	76,8	63,9
	Não me deixam participar	63,6	52,2
Agressão verbal	Insultam-me	85,8	61,2
	Põem-me alcunhas ofensivas	84,7	59,2
	Falam mal de mim	83,3	63,8
Agressão Física indireta	Escondem-me coisas	65,7	57,5
	Estragam-me coisas	37,4	29,4
	Roubam-me coisas	40,3	26,0
Agressão Física direta	Batem-me	52,9	44,3

Ameaças e chantagens	Metem-me medo	54,6	42,4
	Obrigam-me com ameaças	12,6	10,5
	Ameçam-me com armas	7,2	11,2
Assédio sexual	Assediam-me sexualmente	8,4	10,6

Comparando os registos da Tabela 10 com os das Figura 2 e 4, temos representadas as percentagens obtidas na pesquisa a partir da perspetiva da vítima, do agressor e do observador. Notamos que as percentagens dos alunos respondentes na condição de testemunha são maiores do que as das vítimas e agressores. Sem dúvida, os espectadores de diferentes formas de abuso devem ser muitos mais que as vítimas e os agressores, uma vez que é bastante provável que um mesmo caso de agressão possa ser observado por várias testemunhas. Analisando as três perspetivas, damos-nos conta de alguns padrões comuns: 1) Os comportamentos mais frequentes correspondem às agressões de exclusão social e verbais; 2) A um segundo nível colocamos as condutas de agressão física indireta e direta; 3) São as agressões de ameaças e chantagens e o assédio sexual as declaradas como menos frequentes.

Por outro lado, os alunos que se reconhecem agressores são menos do que os que se declaram vítimas em praticamente todas as formas de assédio. No entanto, os atacantes não parecem ter problemas em declarar-se autores de comportamentos de *bullying*, o que, sem dúvida, deve constituir uma preocupação do ponto de vista da prevenção do *bullying* escolar.

Circunstâncias em que se produzem as ações de maus tratos: ano escolar daqueles que agridem e cenários da agressão.

Na Tabela 11, podemos ver, de acordo com as declarações das vítimas, que os protagonistas das várias formas de abuso são parceiros/as da mesma turma. As agressões de exclusão, verbais e, especialmente, os ataques físicos indiretos são realizados por colegas de turma numa percentagem maior do que o resto dos comportamentos abusivos, correspondendo a percentagem mais alta a "falam mal de mim", "Escondem-me coisas" e "Põem-me alcunhas ofensivas". De ressaltar que, após as percentagens que se referem aos protagonistas da turma em situações de abuso, vêm os protagonistas de anos escolares mais elevados. Finalmente, é de notar que as percentagens de autores de abuso são maiores nos anos superiores aos das vítimas do que nos graus de escolaridade mais baixos.

Tabela 11. Percentagens de agressores/as dos diferentes cursos que levam a cabo as distintas situações de assédio escolar segundo a vítima.

Tipos de maus tratos	Minha turma	Ano inferior	Ano Superior	Estranhos à Escola
Ignoram-me (n=161)	8,5	2,9	7,1	3,6
Não me deixam participar (n=101)	9,9	1,1	1,6	1,2
Insultam-me (n=193)	17,8	2,2	3,6	2,9
Põem-me alcunhas ofensivas (n=173)	18,1	1,4	2,9	1,4
Falam mal de mim (n=271)	23,7	2,7	7,3	3,4
Escondem-me coisas (n=169)	20,4	1,1	1,2	0,4
Estragam-me coisas (n=39)	4,5	0,3	0,3	0,3
Roubam-me coisas (n=46)	4,2	1,0	0,8	0,3
Batem-me (n=51)	4,8	0,4	1,0	0,8
Metem-me medo (n=70)	4,8	0,7	3,3	0,8
Obrigam-me com ameaças (n=15)	1,4	0,3	0,3	0,1
Ameaçam-me com armas (n=20)	1,2	0,7	0,4	0,4
Assediam-me sexualmente (n=28)	2,2	0	0,7	1,0

Apresentamos na Tabela 12 os resultados sobre os locais onde o abuso ocorre segundo reconhecem as vítimas. Em linhas gerais, a aula e o pátio são os lugares mais frequentes, correspondendo as percentagens mais altas ao pátio de recreio para as agressões de exclusão, verbais, ameaças físicas diretas, ameaças e chantagens. As condutas físicas indiretas (esconder, estragar e furtar coisas) são realizadas em percentagens mais elevadas na aula.

Tabela 12. Cenários onde se levam a cabo as distintas situações de assédio escolar segundo a vítima (percentagens).

Tipos de maus tratos	Pátio	Casas Banho	Corredores	Aula	Cantina	Saída Escola	Fora Escola
Ignoram-me (n=158)	7,4	0,7	7,4	1,8	0,5	0,8	3,0
Não me deixam participar (n=96)	5,1	0,3	1,0	5,6	0,1	0,3	0,8
Insultam-me (n=184)	10,8	0,8	4,0	7,0	0,3	0,8	1,5
Põem-me alcunhas ofensivas (n=158)	8,2	0,7	3,8	7,0	0,1	0,7	1,1

Falam mal de mim (n=242)	11,5	1,2	6,6	6,2	0,5	1,5	5,6
Escondem-me coisas (n=146)	4,4	1,1	1,5	11,5	0,5	0,3	0,7
Estragam-me coisas (n=50)	1,5	0,1	0,7	3,6	0,3	0,1	0,5
Roubam-me coisas (n=49)	1,4	1,2	0,5	2,7	0,3	0	0,5
Batem-me (n=45)	2,7	0,4	1,2	0,7	0,1	0,3	0,7
Metem-me medo (n=66)	3,7	0,4	2,0	1,0	0,1	0,5	1,2
Obrigam-me com ameaças (n=27)	1,4	0,4	0,8	0,4	0,1	0,3	0,3
Ameaçam-me com armas (n=29)	1,0	0,7	0,4	0,7	0,3	0	1,0
Assediam-me sexualmente (n=36)	1,2	0,7	0,8	0,8	0,3	0,3	0,8

Discussão

Com o presente estudo pretendemos analisar a prevalência das diferentes formas de abuso, determinar o papel que jogam o género, a idade e o nível de escolaridade e estudar características do *bullying*, nomeadamente o ano de quem agride e cenários em que ocorrem as ações de abuso. Pretendemos dar conta de alguns dados comparativos entre alunos de escolas do Alentejo e da Extremadura.

Os resultados mostram que **ocorrem**, ainda que com diferentes incidências, **todas as formas de abuso**. Isto coincide com outros estudos realizados em Espanha que mostram que esse fenómeno está presente no ensino secundário e com percentagens significativas (Aviles & Monjas, 2005; Serrano & Iborra, 2005; Defensor del Pueblo, 2006; León, Felipe, Gómez e López, 2010). Verifica-se também que **há uma relação inversa entre a gravidade do abuso e a frequência**, ou seja, os comportamentos mais frequentes correspondem às agressões de exclusão social e verbais como o insulto, pôr alcunhas, maledicência, calúnias, seguidas por um tipo de agressão indireta (esconder coisas). A um segundo nível colocamos o restante dos atos de agressão física indireta e a agressão física direta. Por último, as ameaças. Chantagens e o assédio sexual são as menos frequentes, exceto as ameaças para assustar. Conclusões semelhantes também são referidos nos relatórios do Defensor del Pueblo (1999, 2006) e na pesquisa de León, Felipe, Gómez e López (2010) na Extremadura. **Esta relação inversa entre gravidade**

do mau trato e incidência não deve fazer-nos pensar que este fenómeno é algo trivial, uma vez que todas as formas de abuso têm consequências negativas para as vítimas. Como indica Ortega (1994), a situação de agressão destrói a autoestima e a confiança em si mesmo do aluno agredido, que pode chegar a estados depressivos ou de permanente ansiedade que irão tornar mais difícil o seu ajustamento social e o seu desempenho académico.

Outro aspeto que o estudo revela é que **as ocorrências testemunhadas na condição de observador são bastantes mais elevadas do que as referidas na condição de vítima ou de agressor**, ou seja, os espectadores das várias formas de abuso devem ser muitos mais que as vítimas e os agressores, o que é expectável dado que um mesmo caso de agressão pode ser observado por várias testemunhas. **Este facto deveria ser motivo de preocupação porque a exposição à violência em todas as suas manifestações** (imitação de modelos agressivos, reforço operante direto dos atos agressivos, reforço vicário através da aprendizagem observacional) **é um elemento fundamental através do qual as crianças e adolescentes aprendem comportamentos agressivos** (Bandura, 1973; 1986). São, aliás, bastantes os estudos que têm demonstrado a relação positiva entre exposição à violência no contexto escolar e o desenvolvimento de comportamentos agressivos (Flannery, Wester & Singer, 2004; Garaigordobil e Oñederra, 2008; Cerezo, 2009).

No que respeita ao perfil sociodemográfico e escolar dos alunos respondentes, os dados mostram que **o género é uma variável moduladora na incidência do abuso, tanto do ponto de vista da vítima como do ponto de vista do agressor**. Há mais rapazes do que raparigas que se reconhecem como vítimas de comportamentos de agressão verbal como a do 'insulto'. No caso de "falar mal de mim", ocorre o oposto, sendo significativamente mais numerosa a percentagem de raparigas do que a percentagem de rapazes. Por outro lado, os rapazes reconhecem que lhes batem mais e recebem mais agressões, ameaças e chantagens, enquanto que as raparigas são mais vítimas de assédio sexual. Padrão similar de diferenças significativas entre rapazes e raparigas, observa-se na perspetiva do agressor que os rapazes agridem mais verbalmente, batem, ameaçam e chantageiam mais do que as raparigas e que o comportamento de *bullying* mais frequente nas raparigas é a maledicência. Em geral, **estes resultados são coincidentes com os de**

outras pesquisas que indicam que são os rapazes os que se veem implicados com maior frequência no fenômeno *bullying*, quer como perpetradores quer como vítimas (Solberg & Olweus, 2003; Tapper & Boulton, 2005; Cerezo & Ato, 2010), com exceção da maledicência mais associada às raparigas (Defensor del Pueblo, 2006). Para Sanchez & Cherry (2010) o género é um fator de risco para o envolvimento em *bullying* sendo este fenómeno preferencialmente masculino. Algumas pesquisas descobriram que as mulheres são mais sensíveis do que os homens. Em geral, as mulheres são mais expressivas do que os homens. Autores como Lafferty (2004) e Tapia & Marsh (2006), entre outros, demonstraram nas suas investigações que as mulheres são mais percetivas, mostram maior empatia e reconhecem melhor as emoções dos outros, o que explicaria uma interação social mais positiva com os outros e o seu menor envolvimento no fenómeno de *bullying* escolar. Quanto à idade, a partir da perspetiva de vítima não há diferenças significativas entre os diferentes tipos de abuso. Do ponto de vista do agressor, os rapazes mais velhos e, especialmente, os de 15 e 16 anos declaram-se mais agressores nas modalidades "ignoro" e "ameaço com armas." **A variável nível de escolaridade mostra uma influência significativa sobre os casos de *bullying* escolar. Há uma tendência geral para que as vítimas de exclusão social e que recebem ameaças que criam medo sejam estudantes do ensino básico. Por outro lado, os agressores que, fundamentalmente, ameaçam e chantageiam frequentam o ensino secundário.** Estes dados são coincidentes com outras investigações que alegam que é na idade compreendida entre os 11 e os 13 anos que está concentrado um maior número de vítimas, sendo que os agressores são mais velhos do que as suas vítimas (Carney & Merrell, 2001; Seals & Young, 2003). **Dever-se-ia determinar, em estudos futuros, a influência que os alunos repetentes têm no *bullying* escolar.** Investigadores como Cerezo (2006) apontam que a repetição de ano é um fator acrescido de risco em situações de abuso. Os alunos repetentes que estão a ser escolarizados em anos inferiores aos que correspondem à sua idade, mais frequentemente tendem a agir como agressores.

Em relação ao ano daqueles que agredem e os cenários em que as ações de abuso ocorrem, de acordo com as vítimas, **os protagonistas das várias formas de abuso, especialmente agressões de exclusão social, verbais e físicas indiretas, são parceiros/as da mesma turma.** Depois das percentagens de protagonistas da turma em situações de abuso seguem-se os protagonistas de anos mais elevados. Em relação aos

cenários, em linhas gerais, **o pátio do recreio destaca-se como o local mais frequente, correspondendo a percentagens mais elevadas às agressões de exclusão social, verbais, físicas diretas e ameaças. A aula ocupa o primeiro lugar como o cenário das agressões verbais indiretas. Há certas formas de abuso ligadas a diferentes cenários.** Assim, por exemplo, o 'bater' leva-se a cabo sobretudo no pátio e nos corredores. Obrigar a fazer algo com ameaças realiza-se, principalmente, no pátio, seguido dos corredores. Roubar acontece na sala de aula e no pátio.

Por último, quando se comparam os resultados do estudo entre alunos do Alentejo e da Extremadura que participaram no estudo no mesmo momento temporal e aos quais foi aplicado o mesmo questionário, constata-se que os alunos das escolas da Extremadura se declaram mais agressores do que vítimas nas distintas situações de *bullying* escolar, à exceção dos comportamentos de agressão física indireta. Pelo contrário, os alunos das escolas do Alentejo dizem-se mais vítimas do que agressores em todos os comportamentos de abuso escolar. Registo curioso, é o facto de **os observadores declararem os alunos extremenhos mais vítimas de situações de *bullying* do que os próprios alunos extremenhos, que se consideram não só mais agressores do que vítimas, como menos vítimas de contextos de *bullying* do que os alunos de escolas do Alentejo.**

De algum modo, seria expectável que num mesmo contexto escolar, se os alunos declaram ser agressores foram-no em relação aos seus colegas, pelo que, e em proporção semelhante, nas diversas categorias e condutas, deveriam estes declarar-se vítimas e vice-versa?

Como interpretar tais diferenças? Uma hipótese que avançamos relativamente ao facto de os alunos espanhóis se declarem mais agressores e menos vítimas do que os alunos portugueses, pode ser devido a valores culturais cultivados em cada país.

Saraiva (1982), fazendo um retrato da personalidade cultural portuguesa aponta como alguns dos seus traços distintivos o culto da dor, o gosto de ser triste, o evitar o frente-a-frente, a brandura dos nossos costumes, o condoer-se de si próprio, o sentimento de orfandade, sempre ligados a um certo messianismo e sebastianismo, encontrando na religião um dos seus eixos interpretativos. Ilustra-o, convocando Miguel de Unamuno, que nas várias viagens a Portugal reagiu como espanhol e com aplauso a um dito de Guerra Junqueiro: “O Cristo espanhol nasceu em Tânger; é um Cristo africano e nunca

se aparta da cruz, onde está cheio de sangue; o Cristo português brinca com os camponeses pelos campos, merenda com eles e, só a certas horas, quando tem de cumprir com os deveres do seu cargo, carrega com a cruz.” (p. 91). Conclui ainda António José Saraiva que uma expressão desta forma de religiosidade é o culto da Virgem: o nome Maria tornou-se tão frequente que funciona como uma espécie de designativo feminino nos nomes masculinos. Isto, ao contrário do misticismo espanhol que manifesta um face-a-face com Deus. A Virgem funciona, para o português, como medianeira do Deus paternal.

Perante características culturais como as que enunciámos, parecem agora fazer sentido as diferentes declarações de alunos do Alentejo e da Extremadura sobre as suas condutas de assédio moral em contexto escolar. De todo o modo, é apenas uma linha interpretativa possível, de entre muitas outras igualmente possíveis e que deixamos em aberto para exploração dos leitores.

Por último e como nota de fecho, de acrescentar que para melhorar as relações e prevenir a violência na escola é essencial incorporar inovações educacionais, nomeadamente metodologias de abordagem socio-afetivas e de estilo cooperativo. Como afirmam Perez & Garaigordobil (2004) a interação entre iguais e, em concreto, uma dinâmica socio-afetiva positiva, em sala de aula, pode desempenhar um importante papel não só afetando os processos de socialização mas, também, os processos de desenvolvimento cognitivo, afetivo e emocional. A abordagem socio-afetiva contribui para a aquisição de competências sociais, já que a interação construtiva com o grupo de pares favorece e incrementa as habilidades sociais dos alunos. Em relação ao estilo cooperativo, Diaz-Aguado (2006) observa que as investigações levada a cabo nos últimos anos permitem identificar a aprendizagem cooperativa em equipas heterogéneas como um procedimento chave para adaptar a educação às atuais mudanças sociais, melhorando a vida escolar e prevenindo a violência. Estamos convictos da utilidade de um trabalho em aprendizagem cooperativa na sala de aula para promover a convivência e reduzir a violência. É inegável o facto de que ser vítima escolar provoca alterações de comportamento e transtornos afetivos emocionais. Em geral, o efeito mais notável do *bullying* escolar é o desenvolvimento de distúrbios emocionais, como o *stress*, ansiedade e depressão, além de problemas de integração do grupo de pares devido ao isolamento e à exclusão social. A aprendizagem cooperativa é uma metodologia inovadora que pode

ajudar a resolver o problema dos maus tratos entre iguais por abuso de poder no âmbito escolar. A aprendizagem cooperativa é uma ferramenta eficaz para favorecer atitudes positivas nas relações intergrupais (León, Felipe, Gozalo, Gómez & Latas, 2009) ferramenta. "*Este método puede salvar las barreras a la amistad y a la interacción*" (Slavin, 1983, p.136).

Referências bibliográficas

- Almeida, A. (1999). Portugal. In P. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano e P. Slee (Eds.), *The nature of school bullying* (pp. 174-187). London: Routhledge.
- Avilés, J. e Monjas, I. (2005). Estudio de la incidencia de la intimidación y el maltrato entre iguales en la Educación Secundaria Obligatoria mediante el cuestionario CIMEI. *Anales de Psicología*, 21(1), 27-41.
- Bandura, A. (1973). *Aggression: A social learning analysis*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action. A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Byrne, B. (1994). *Bullying: A community approach*. Dublin: Columbia Press.
- Carney, A. e Merrell, K. (2001). Bullying in schools: Perspectives on understanding and preventing an international problem. *School Psychology International*, 22(3), 364-382.
- Cerezo, F. (2006). Violencia y victimización entre escolares. El bullying: Estrategias de identificación y elementos para la intervención a través del Test-Bull-S. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 9 (4), 333-352.
- Cerezo, F. (2009). Bullying: análisis de la situación en las aulas españolas. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 9, 367-378.
- Cerezo, F. e Ato, M. (2010). Social status, gender, classroom climate and bullying among adolescents pupils. *Anales de Psicología*, 26(1), 137-144.
- Cowie, H. e Wallace, P. (2000). *Peer support in action*. London: Sage.

- Defensor del Pueblo (1999). *Informe Violencia escolar: El maltrato entre iguales en la Educación Secundaria Obligatoria*. Madrid: Publicaciones de la Oficina del Defensor del Pueblo.
- Defensor del Pueblo (2006). *Violencia escolar: el maltrato entre iguales en la Educación Secundaria Obligatoria (1999-2006)*. Madrid: Publicaciones del Defensor del Pueblo.
- Díaz-Aguado, M. (2006). *Del acoso escolar a la cooperación en las aulas*. Madrid: Pearson Educación.
- Flannery, D., Wester, K. e Singer, M.. (2004). Impact of exposure to violence in school on child and adolescent mental health and behavior. *Journal of Community Psychology*, 32, 559-573.
- Funk, W. (1997). Violencia escolar en Alemania, estado del arte. *Revista de Educación*, 313, 53-78.
- Garaigordobil, M. e Oñederra, J. (2008). Bullying: incidence of peer violence in the schools of the Autonomous Community of the Basque Country. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 8, 51-62.
- Garaigordobil, M. e Oñederra, J. (2010). Un estudio comparativo de las conductas de acoso escolar percibidas por los directivos de los centros educativos y por los estudiantes de 10 a 16 años. In J. Gázquez y M. Pérez (Eds.), *Investigación en convivencia escolar: variables relacionadas* (pp. 97-104). Granada: GEU.
- Genta, M., Menesini, E., Fonzi, A., Costabile, A. e Smith, P. (1996). Bullies and victims in schools in central and southern Italy. *European Journal of Psychology of Education*, 11, 97-110.
- Gómez Carroza, T., León Del Barco, B. & Felipe Castaño, E. (2011). Acoso escolar en estudiantes de Educación Primaria en Extremadura. *Apuntes de Psicología*, 29, 471-490.
- Kochenderfer-Ladd, B. e Wardrop, J.L. (2001) "Cronicity and instability of children's peer victimization experiences as predictors of loneliness and social satisfaction trajectories". *Child Development*. 72, 134-151.
- Lafferty, J (2004). The relationships between gender, empathy and aggressive behaviour among early adolescents. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, 64, 6377B.

- León, B., Felipe, E., Gozalo, M., Gómez, T. e Latas, C. (2009). Mejora de las actitudes de los escolares hacia los alumnos inmigrantes mediante el aprendizaje cooperativo. *Revista de Psicología General y Aplicada*, 9, 159-173.
- León, B., Felipe, E., Gómez, T. e López, V. (2010). Acoso escolar en la Comunidad de Extremadura vs. Informe del Defensor Español del Pueblo 2006. *Electronic Journal of Research on Educational Psychology*, 9, 565-586.
- León, B., Gozalo, M. e Polo, I. (2012). Aprendizaje cooperativo y acoso entre iguales. *Infancia y Aprendizaje*, 35(1), 23-35.
- Martín, E., Fernández, I., Andrés, S., Del Barrio, C. e Echeita, G. (2003). La intervención para la mejora de la convivencia en los centros educativos: modelos y ámbitos. *Infancia y Aprendizaje*, 26, 79-95.
- Mellor, A. (1990). Spotlights 23. *Bullying in Scottish Secondary Schools*. Edinburgh: SCRE.
- O'Moore, A. e Hillery, B. (1989). Bulling in Dublin schools. *Iris Journal of Psychology*, 10, 426-441.
- Olweus, D. (1983). Low school achievement and aggressive behaviour in adolescent boys. In D. Magnusson e V. Allen (Eds.), *Human development. An interactional perspective* (pp. 353-365). Nueva York: Academic Press.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. Oxford: Blackwells. Trad. cast. *Conductas de acoso y amenaza entre escolares*. Madrid: Morata, 1998.
- Olweus, D. (1978). *Aggression in the schools: Bullies and whipping hoys*. Washington, D.C.: Hemisphere.
- Ortega, R. (1994). Violencia interpersonal en los centros educativos de enseñanza secundaria. Un estudio sobre el maltrato e intimidación entre compañeros. *Revista de Educación*, 304: 253-280.
- Ortega, R. e Angulo, J. (1998). Violencia escolar. Su presencia en Institutos de Educación Secundaria en Andalucía. *Estudios de Juventud*, 42: 47-61.
- Ortega, R., Calmaestra, J. e Mora, J. (2008) Cyberbullying. *Internacional Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 8 (2), 183-192.
- Pereira, B., Mendoza, D., Neto, C., Almeida, A., Valente, L. e Smith, E. (1996). Factors and figures of the first survey on bullying in Portuguese schools. *European Conference on Educational Research*. Sevilla.

- Pérez, J. e Garaigordobil, M. (2004). Socialización y personalidad a los seis años. *Apuntes de Psicología*, 22, 153-169.
- Piñuel, I. e Oñate, A. (2007). *Acoso y violencia escolar en España*. Madrid: Iieddi.
- Sánchez, C. e Cerezo, F. (2010). Variables personales y sociales relacionadas con la dinámica bullying en escolares de Educación Primaria. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 8 (3), 1015-1032.
- Saraiva, A. (1982). *A Cultura em Portugal: Teoria e História (Livro I: Introdução Geral à Cultura Portuguesa)*. Lisboa: Livraria Bertrand, SARL.
- Seals, D. e Young, J. (2003). Bullying and victimization: Prevalence and relationship to gender, grade level, ethnicity, self-esteem and depression. *Adolescence*, 38(152), 735-747.
- Serrano, A. e Iborra, I. (2005). *Violencia entre compañeros en la escuela*. Centro Reina Sofía para el Estudio de la Violencia.
- Slavin, R. (1983). *Cooperative Learning*. New York: Longman. (Trad. cast.: La enseñanza y el método cooperativo. México. Edamex 1985).
- Smith, P., Mahdavi, J., Carvalho, C. e Tippett, N. (2006). *An investigation into cyberbullying, its forms, awareness and impact, and the relationship between age and gender in cyberbullying*. London: Anti-Bullying Alliance.
- Solberg, M. e Olweus, D. (2003). Prevalence estimation of school bullying with the Olweus Bully/Victim questionnaire. *Aggressive Behavior*, 29(3), 239-268.
- Tapia, M. e Marsh, G. (2006). The effects of sex and grade-point average on emocional intelligence. *Psicothema*, 18, 108-111.
- Tapper, K. e Boulton, M. (2004). Sex differences in levels of physical, verbal, and indirect aggression in spanish adolescents. *Aggressive Behavior*, 30(2), 123-145.
- Van der Meulen, K., Soriao, L., Granizo, L., Del Barrio, C., Korn, S. e Schäfer, M. (2003) “Recordando el maltrato entre iguales en la escuela: consecuencias e influencia en la actuación del profesorado” *Infancia y Aprendizaje*. 26(1), 49-62.
- Vieira, M., Fernández, I. e Quevedo, G. (1989). Violence, Bullying and counseling in the Iberian Peninsula. In E. Roland y E. Munthe (Eds.), *Bullyind an International Perspective* (pp-35-52). Londres: David Fulton.
- Whitney, I. e Smith, E. (1993). A survey of the nature and extent of bullying in junior/middle and secondary schools. *Educational research* 35, 3-25.

